

a arte de adentrar **LABIRINTOS** infantis

POR ADRIANA FRIEDMANN

Os atuais movimento, consciência e entusiasmo de educadores, cuidadores, gestores e empreendedores para a escuta de crianças tiveram suas origens, de forma sincrônica, tanto nas ciências sociais quanto nos movimentos da sociedade civil, alargando a compreensão da importância de dar vez e voz a todos os cidadãos.



A partir de formulações e pesquisas das ciências sociais, é crescente a ideia de que as crianças, enquanto atores sociais e autores das suas vidas, têm culturas e linguagens próprias e merecem ser ouvidas, pois falam de suas realidades, emoções, necessidades e interesses.

Porém a escuta das várias infâncias – considerando a diversidade de grupos, culturas, realidades e equipamentos ou espaços em que convivem – requerem cuidado, respeito, ética e posturas para os quais todos precisamos estar atentos.

Escutar é uma possibilidade de conhecer as crianças e reconhecer, em cada uma e em cada grupo, seu ser, sua essência, seus saberes, seus jeitos singulares de criar, recriar e ressignificar a vida.

Escutar as vozes das crianças é também uma forma de oferecer e criar oportunidades, tempos e espaços de expressão para que elas “digam”, por meio de suas linguagens verbais e não verbais, quem verdadeiramente são. Trata-se de oferecer oportunidades para que as crianças vivam suas infâncias, descubram o mundo à sua volta, experimentem e se confrontem com desafios e estabeleçam vínculos de forma espontânea, livre e autônoma.

É também uma forma de abrir brechas de comunicação com as crianças e entre elas, assim como possibilidades de repensar o que oferecemos a meninos e meninas – atividades, propostas, currículos e programas – no caminho de integrar os conteúdos que trazem a partir de seus repertórios e de suas “falas”. O convite é, então, para adentrar os diversos labirintos dos grupos infantis.

INSPIRAÇÕES

De que fontes beber para estes processos?

Escutar crianças poderia se comparar a fazer uma viagem aos universos infantis. Como em qualquer viagem rumo a novos ou poucos conhecidos territórios e culturas, o viajante descobre diversidade de linguagens, costumes, sabores, cheiros, músicas, danças, brincadeiras, histórias e paisagens. Ele se abre para o novo, para o desconhecido, para aprender e conhecer com o outro, o “estrangeiro”.

Assim, quando nos aventuramos a escutar e a descobrir as crianças de modo verdadeiro e profundo, novos mundos e repertórios descortinam-se à nossa frente.

As mais importantes ideias que têm orientado a compreensão da relevância dessas vozes infantis vêm das áreas de antropologia da infância, da psicologia e das manifestações artísticas e culturais nas suas diversas formas expressivas.

A antropologia trata da importância de ouvir, observar e pesquisar crianças e grupos infantis, já que possuem linguagens e culturas próprias; conhecer os diversos contextos, sua multiculturalidade e reconhecê-las como atores sociais e autores e protagonistas das suas vidas. A etnografia – forma de pesquisa característica dos antropólogos – nos inspira neste “adentrar” os universos infantis. A psicologia aponta possibilidades de escuta, leitura, tradução e compreensão das manifestações, atitudes, comportamentos, da psique e das expressões e produções infantis. Já as artes e a cultura, nas suas mais diversas manifestações – pintura, desenho, modelagem, música, dança, movimento, brincadeiras, palavra e outras formas de narrativas –, constituem-se nas linguagens expressivas por excelência das crianças.

OS PERSONAGENS

O que as crianças dizem? Como elas se expressam?

As crianças falam, dizem, sussurram, gritam, expressam. Falam baixinho, falam alto. Sozinhas, entre elas, com os adultos. Podemos apelidar suas expressões de *micro falas*, expressões minúsculas porque com gestos, olhares, piscadelas, sorrisos, choros. E, ao mesmo tempo, ocorrem *grandes narrativas*, expressões orgânicas – com o corpo todo, com a alegria, a dor e a agressividade.

Outra forma interessante de expressão das crianças são as *auto falas*, como as denominou Gilles Deleuze: a criança fala sozinha, para ela mesma, para seus interlocutores invisíveis, seus brinquedos ou objetos. E ali, se escutarmos com atenção, surgem segredos, silêncios que falam alto, códigos muitas vezes indecifráveis para o adulto, cumplicidades de cada criança com seus pares;

revelam-se apegos, afetos, rituais. Nas auto falas as solidões estão acompanhadas, descortinam-se diferentes papéis que a criança imita, almeja ou teme, personagens com os que ela se identifica, situações e emoções com os quais ela precisa lidar.

Algumas vozes – *expressões* – podem servir como bússolas nas nossas incursões: imagens, desenhos, mapas, maquetes, modelagens; poemas, cartas, sonhos, brincadeiras, expressões corporais, expressões musicais; registros feitos pelas próprias crianças – fotos, filmes, narrativas. Atitudes e comportamentos se revelam por meio de gestos, sorrisos, agressividades, introspecção, solidão, ansiedade, agitação. Tanto dizem e revelam essas vozes infantis! São repletas de valores, vivências, sonhos, medos, desejos, conflitos, cotidianos, preferências, potências e dificuldades, ansiedades, incertezas, inseguranças, temperamentos.

A OBRA DE ARTE

Ler, traduzir, compreender as vozes e narrativas infantis

Na escuta das vozes infantis, expressões e mensagens desvelam-se e revelam-se: falas que podem sussurrar nos ouvidos atentos de quem escuta algumas pistas sobre quem são estas crianças, suas multiculturalidades, suas raízes, seus repertórios e seus saberes; arquétipos, histórias e seus significados simbólicos aparecem desvelando suas vidas.

Nas *brincadeiras de roda* – em que todos são iguais e diferentes ao mesmo tempo –, as crianças formam mandalas orgânicas em que o movimento, o ritmo, a palavra e a música guiam o grupo. Nas *brincadeiras de faz de conta*, as crianças vivem possibilidades de experimentar, repetir, ritualizar, assimilar situações, perdas, dores, conquistas; viver diversos papéis, situações e personagens – fora e dentro. Cuidar, ganhar, perder, nascer, viver, morrer, virar vítima ou herói. Vida!

Outras formas expressivas que podem ser “escutadas” porque expressas de forma espontânea pelas crianças aparecem em *brincadeiras* como cinco pedrinhas, bolinhas de gude, corda, pega-pega, esconde-esconde, empinar pipas e tantas outras. Nas brincadeiras, revelam-se as

conexões das crianças com a terra (concretude), com o céu (espiritualidade), com a água (inconsciente) e com o ar (fantasia e imaginação). As crianças são e mostram-se naturalmente religiosas por estarem “religadas”, reconectadas consigo próprias e com uma sacralidade profunda.

Ao *desenhar* as crianças representam a vida por meio de uma diversidade de imagens: sol, lua, casa, árvore, flores, bichos etc. A utilização das cores, os traços, os tamanhos dos personagens e objetos narram emoções, conflitos, sonhos. Assim, também ao *pintar*, adentra-se num mundo de significados diversos a partir das cores utilizadas, das destrezas, da fluidez dos traços. Nas *modelagens*, a força e a energia colocadas sobre a massinha ou a argila, a temperatura, com o corpo todo, com a emoção toda, têm também um efeito terapêutico e curativo inconsciente.

Quando as crianças criam *construções*, a escolha e utilização de objetos e materiais diversos simbolizam situações, elementos e espaços. Por exemplo, na construção de cidades, as crianças se expressam através de composições externas, imitando e reinterpretando a vida ao seu redor, revelando seus olhares. Ao mesmo tempo, e de forma inconsciente, a sua psique interna se transforma. As crianças poetizam o mundo e produzem *narrativas*, assim como também escrevem e contam das suas vidas com seus corpos. Quantos desafios pela frente para conhecer e compreender as crianças!

O DOM DO ARTISTA

Premissas essenciais para quem está na escuta

Face ao desafio de escutar e observar as crianças, é importante considerar a postura e a atitude de quem está na escuta. Nada como a experiência, a troca e a permanente reflexão sobre esse ofício. Algumas premissas:

- *Respeito* pelos tempos, espaços e ritmos individuais, pelo sagrado dos mundos infantis.
- *Ética* na postura e na atitude: não forçar situações, não intervir, não formular questões que indiretamente sugiram respostas desejadas. E, se a criança não quer se mostrar, participar, compartilhar suas produções, se quer privacidade, já está se manifestando e precisa ser respeitada.

- *Sensibilidade e cuidado* no encaminhamento do que é percebido e “lido”.
- *Consentimento/autorização* por parte das crianças – não somente dos adultos – para qualquer tipo de registro e para o uso das imagens e produções realizadas a partir das vozes infantis.
- *Devolutivas* para as crianças daquilo que foi visto e escutado.

Importante frisar o que não deveríamos fazer quando nos prontificamos a ouvir, observar, conhecer e reconhecer as crianças: não se trata de avaliar nem de julgar, muito menos de intervir ou entrevistar. Então, do que se trata afinal? É o exercício de adentrar, acompanhar, caminhar junto nos universos das crianças, com seus consentimentos. É um convite para transformar nosso ponto de vista ético e metodológico: não tomar como referência unicamente verdades ou teorias adulto-cêntricas, mas incorporar também as realidades das crianças.

AS TINTAS E OS PINCEIS

Como se preparar para estes percursos

Quem se predispõe a escutar crianças precisa estar muito aberto para acolher o espontâneo, o imprevisível. E para tal não há receitas prontas. Quem se abre para a escuta aprende no processo e com a experiência, errando e acertando, revendo posturas, conectando-se com suas percepções no exercício permanente de reconhecer o que é das crianças e o que é de si próprio, o que o toca, mobiliza e transforma.

Assim, é fundamental ter *abertura e flexibilidade* para essas escutas e acompanhar as crianças nos seus percursos; contar com uma *diversidade de propostas lúdicas* – formas de se comunicar com as crianças a partir das linguagens infantis; adentrar um permanente *processo de autoconhecimento* e conexão com as próprias percepções, emoções e sentimentos; realizar *reflexões e diálogos* compartilhados com outras escutas e outros olhares; determinar ferramentas para a realização dos *registros*: diário de campo, câmera de fotos e/ou vídeo.

OBRAS INCONCLUSAS

Pistas para (des)orientar quem escuta

Quanto mais achar que sabe, que já entendeu, aquele que está na escuta mais deve desconfiar das suas certezas: somos analfabetos com relação à complexidade de quem são as crianças e precisamos nos predispor a aprender com elas. Ao escutar as vozes das crianças, estamos construindo mapas, cartografias das suas vidas.

Importa, então, aproveitar as brechas de tempos, espaços e expressões.

Não há roteiros, fórmulas ou receitas prontas, mas possibilidades de estabelecer diálogos circulares com as crianças, com quem está na escuta e pensa sobre elas. Nossa intuição, nossas percepções devem ser nossa bússola.

E para onde caminhamos com essas escutas e a conexão com esses repertórios infantis? Estamos no caminho de repensar, readequar e integrar essas vozes e saberes infantis, assim como essa atitude antropológica de escuta e conhecimentos, em qualquer âmbito onde as crianças vivem e convivem. E considerar que não há verdades acabadas quando do ser humano se trata, sobretudo no que se refere às crianças, que estão em permanente transformação, crescimento e movimento.

Escutar as vozes das crianças é um desafio, um convite para reconhecer os afetos – delas e nossos –, a beleza e a potência dos saberes da humanidade; e a complexidade que somos todos nós. Tudo a partir das crianças – e com elas. ■



ADRIANA FRIEDMANN

Doutora em Antropologia e educadora, pesquisadora e consultora nas temáticas da infância e do brincar. É idealizadora e coordenadora do Mapa da Infância Brasileira (MIB). Criou e coordena o Nepsid – Núcleo de Estudos em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento. É palestrante e docente em cursos de pós-graduação e extensão. Autora dos livros *Linguagens e culturas infantis*, *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*, *A arte de brincar*, *O direito de brincar: a brinquedoteca*, entre outros.

THE HAPPY FAMILY, ANDRÉ HENRI DARGELAS. FRENCH (1828-1906)



HUMARA BACHPAN

Na Índia, onde mais de 65 milhões de pessoas moram em favelas, a organização Humara Bachpan desenvolveu uma metodologia simples para que crianças e adolescentes apontem soluções para a melhoria da qualidade de vida em aglomerados urbanos e precários. O método batizado de CLP (Children Led Planning) possui apenas dez passos para que meninos e meninas analisem a situação do bairro, identifiquem os problemas e criem soluções.

Para desenvolver o projeto, essa organização indiana convida 45 pessoas com idades entre 6 a 18 anos para conhecerem melhor o bairro onde vivem. Tudo começa com dados oficiais do local e de diálogos estabelecidos com os moradores, que contam a origem e a história da comunidade. A partir de passeios pelo local, todos os participantes elaboram mapas afetivos que traçam rotas de mobilidade e outras relações no bairro.

Por meio de análises que envolvem o cotidiano, o modo de vida e a sustentabilidade local, o grupo elenca e prioriza os problemas, assim como os recursos existentes. A partir daí, eles desenharam duas árvores. Uma para os problemas e outra para as soluções. Por último, eles criam o mapa dos sonhos, que é apresentado ao setor público, visando melhorias.

Durante as etapas, as crianças são apoiadas por outros membros da comunidade, como famílias e grupos de jovens. Elas também consultam especialistas, como arquitetos e educadores da primeira infância, que fornecem contribuições para que se estabeleça o planejamento técnico.

Nesse processo, as crianças tomam conhecimento de como é o seu bairro. Questões como tamanho, população, transporte, iluminação, saneamento básico, instalações adequadas para a dimensão das crianças e áreas públicas que podem virar espaços de brincadeiras ganham evidência no mapa e se transformam num guia ideal para melhoria da qualidade de vida local.



HUMARA BACHPAN

Nossa infância

A Humara Bachpan, que significa “nossa infância”, já implementou, desde 2012, sua metodologia de escuta da infância em 23 cidades para promover a melhoria dos espaços urbanos para mais de 35 mil crianças, moradoras de 189 favelas da Índia. Dá para saber mais no site do projeto. www.humarabachpan.org



NDIPHILILE: EU ESTOU VIVA!

É com um olhar silencioso que a educadora Sandra Eckschmidt adentra o universo do brincar numa escola de educação infantil da periferia de Cidade do Cabo, na África do Sul, onde morou por seis meses. O resultado desse afetuoso encontro com a infância africana foi o “relato biográfico-antropológico”, tecido com extrema sensibilidade em palavras e imagens, no livro *Ndiphilile: eu estou viva!*.

A autora, coordenadora da escola de educação infantil Casa Amarela, em Florianópolis, há anos dedicada à pedagogia Waldorf, abre seu diário de campo, com suas percepções, impressões e reflexões sobre vivências, jeitos de olhar, postura em campo, diálogo com as crianças, entre outros registros que recheiam a paisagem infantil de sonoridades, cheiros e cores. Ela ressignifica a verdadeira entrega ao sabor da experiência a partir de uma ferramenta, a caderneta de notas, imprescindível ao pesquisador.

Na tessitura de um diário de afetos, em que o leitor acompanha o percurso da pesquisa e da pesquisadora, ela generosamente conta que a dificuldade de comunicação num ambiente cuja língua predominante é o isixhosa, cheia de “estalos”, resultou numa postura de quietude. Foi então que a educadora compreendeu ser urgente sair do “papel de falar, de perguntar, de querer entender, de opinar”.

A impossibilidade de uma comunicação verbal mais profunda encaminhou a pesquisadora à observação de uma narrativa de gestos. “Assim, a cada dia que passava, fui ficando mais e mais silenciosa. Quanto mais silenciosa eu ficava, mais atentos meus olhos, ouvidos, tato e olfato ficavam a tudo que acontecia. Não havia um gesto que passasse despercebido por mim. Dos mais singelos e delicados, aos mais fortes e bruscos”, relata Sandra em seu livro.

Essa observação cheia de sentidos em alerta, conectados com o brincar livre no contexto escolar, trouxe a constatação de que é fundamental ter extremo cuidado ao trilhar os labirintos infantis e evitar conclusões precipitadas no percurso. “Pensamos estar atentos, observando, mas estamos antecipando a ação e, assim, deixando de ver”, enfatiza a educadora.

ILUSTRAÇÃO CLAIRE HOMEWOOD



“Eu estou viva!”

No site do livro, é possível conhecer mais sobre a experiência da educadora Sandra Eckschmidt na Escola Zenzeleni, na África do Sul. Há fotos, além de depoimentos e relatos, como o que explica a origem da palavra “ndiphilile”, que, em isixhosa, significa mais do que “tudo bem!”. Quer dizer: “eu estou viva!”. www.livrosandraeckschmidt.com

